

RESENHA

MACOR, Laura Anna. *Il giro fangoso dell'umana destinazione: Friedrich Schiller dall'illuminismo al criticismo*. Pisa: Edizioni ETS, 2008.

VILMAR DEBONA

USP/ PUCPR
v.debona@pucpr.br

O estudo de Laura Anna Macor, fruto de sua pesquisa doutoral junto ao Departamento de Filosofia da Universidade de Padova (Itália) apresenta-se como rica reflexão sobre uma das noções mais caras ao debate filosófico, a noção de “destino” humano. Tendo a historiografia, a literatura e a exegese filosófica como suportes à sua tese, Macor apresenta, já no título da obra aqui resenhada, uma adjetivação provocante: *O percurso pantanoso do destino humano: Friedrich Schiller do Iluminismo ao Criticismo*. A escolha do título remete-se a uma passagem da obra *Die Räuber (Os bandoleiros)* onde o poeta afirma que o homem nasce da lama e, ao degenerar, volta a confundir-se com a lama, o que consistiria num “pantanoso percurso do destino humano [*der morastige Zirkel der menschlichen Bestimmung*]” (Cf. *Die Räuber*, p. 90). Segundo a autora, noções como *destino* e *esclarecimento* foram temas de constante preocupação do Schiller poeta, filósofo, médico e dramaturgo. Tal preocupação evidencia-se, por exemplo, quando consideramos a insistência de Macor em apontar a dedicação schilleriana aos assuntos iluministas frente às contradições internas do próprio processo do esclarecimento.

Desse modo, o objetivo central do livro consiste em fornecer uma interpretação do percurso filosófico traçado pelo jovem Schiller que, por sua vez, “chega a elucidar os núcleos conceituais herdados do mais tênue Iluminismo, mas que são, ao mesmo tempo, pontos teóricos essenciais para a ‘viragem kantiana’ do autor” (p. 16). Nesse sentido, Schiller é magistralmente apresentado como um raro caso de compreensão do caráter radicalmente iluminístico do projeto transcendental de Kant. O fio condutor da tese de Macor consiste na investigação da repercussão iluminista no interior das obras de Schiller, sobretudo em seus primeiros trabalhos, considerando sempre que o literato estava vivenciando essa realidade. Em vista desses objetivos, o critério adotado tanto para o estudo do Iluminismo em geral quanto de seus aspectos específicos presentes na obra schilleriana é o de considerar uma “tipologia tripartita”, em verdade três coordenadas que especificam o *Aufklärung* em sua complexidade, a saber, 1) as ideias essenciais, que são os fundamentos antropológicos, 2) as ideias programáticas, os objetivos positivos e 3) as

ideias polêmicas, que são as metas críticas iluministas. Cada uma dessas diretrizes estão presentes, respectivamente, nos três primeiros capítulos da obra aqui resenhada.

O livro está dividido em quatro capítulos que retratam de forma elegante e precisa as influências que pesaram sobre o jovem Schiller - notadamente quando estudava na *Karlsschule* de Stoccarda - como foram os pensamentos de Spalding, Abbt, Mendelssohn, Sulzer e, de uma maneira arrebatadora, as três *Críticas* de Immanuel Kant, além de outros escritos sobre o tema do *Aufklärung* deste último autor. Sobre essa herança kantiana, um dos elementos que chama a atenção do leitor é a idéia sublinhada por Macor de que geralmente se estuda o percurso que Schiller realiza *a partir de Kant*, mas não aquele percurso realizado por ele *em direção a Kant*.

No primeiro capítulo, intitulado *A ideia base de destino humano: dúvidas e imortalidade*, a pesquisadora dedica-se à investigação da ideia (essencial) de “destino humano” (*Bestimmung des Menschen*) no interior do Iluminismo que compreende debates de filósofos e também de teólogos, tomando o teólogo luterano Johann J. Spalding como protagonista. Spalding defende a ideia de um monólogo interior como atividade de um certo “eu” fictício que se interroga sobre o sentido da própria existência, culminando na apologética da noção de *contínuo aperfeiçoamento* do homem cuja atividade poderia se dar também, e sobretudo, depois de sua morte, enfatizando assim como o seu próprio destino poderia ser entendido. Essa concepção é criticada, por exemplo, por Abbt, segundo o qual o homem não só *não está* de posse de uma capacidade incessante de auto-aperfeiçoamento, assim como também a ele deve ser negada toda e qualquer possibilidade de conhecer o seu destino. Em meio a essas discussões, Macor observa que Schiller ingressa, em 1773, na *Karlsschule*, onde permanece até 1780; os seus primeiros escritos também surgem dessa época e “são todos atravessados pelo problema do destino do homem, que encontra soluções e respostas diversas” (p. 34), tendendo sempre a uma reflexão crítica sobre a imortalidade. É dessa época a obra *Die Räuber*, que contém uma extraordinária quantidade de referências ao tema do destino do homem, imersas nas exposições de teses sobre a imortalidade da alma, o que, de acordo com Macor, testemunha a pertinência e a valorização da interrogação filosófica do autor sobre o tema. Conforme expõe Laura Anna, isso é perceptível quando lemos em *Die Räuber* que a “constatação da dependência da felicidade humana em relação aos imprevisíveis fatores naturais conduz o chefe do grupo de bandoleiros a desolantes considerações sobre a vida humana, dividida entre dois mundos e aparentemente condenada a falhar em ambos” (p. 45).

No segundo capítulo, Laura Macor analisa a ideia programática de ecletismo (*Eklektik*), pensamento autônomo (*Selbstdenken*) e maioridade (*Mündigkeit*), sempre tendo por pano de fundo algumas noções do Iluminismo em geral tais como foram recebidas por Schiller. No caso deste capítulo, a autora tem em vista a autonomia de um indivíduo em relação a seus próprios pais ou à educação recebida. Nesse sentido, afirma Macor referindo-se aos objetivos gerais do Iluminismo do século XVIII:

Em se tratando desses três conceitos [ecletismo, pensamento autônomo e maioridade], por mais diversos que possam se apresentar, portam um só e mesmo fim, a saber, o de perseguir um pensamento livre e autônomo que deve ser independente de relações com uma dada escola ou autoridade e que exprima por si só um parecer (p. 73).

O tratamento dado pela autora aos temas educacionais frente à noção de *maioridade* própria do Iluminismo faz-nos perceber o quanto a produção schilleriana está aliada à vida do próprio autor, já que nessa época o poeta encontra-se na Academia de Stoccarda. É neste ambiente acadêmico que Schiller tem como professor Johann Friedrich Jahn, sustentador da necessidade de promover o surgimento de uma autônoma capacidade de julgamento nos estudantes mediante o hábito da reflexão dos ensinamentos. Assim, é que o distinto aluno Schiller teria tido acesso às ideias programáticas de ecletismo, pensamento autônomo e maioridade. Mesmo quando Jahn se afasta da Academia, Abel – também professor da Academia - continua ensinando segundo os mesmos princípios, “em busca da formação de homens ‘iluminados e retos’, que devem estar em condições de compreenderem a ordem e a conexão dos conceitos e de pensarem e raciocinarem por si mesmos” (p. 76). Ao tratar do tema da separação da esfera paterna a partir das obras *Die Räuber* e *Don Karlos*, Macor adverte o leitor sobre o “tratamento especial” que os três conceitos citados acima recebem na primeira fase da produção schilleriana. Em ambas as obras, o tema da emancipação em relação a uma determinada autoridade, verdadeiro pano de fundo dos três conceitos em questão, são refletidos no motivo da “separação da esfera paterna”. No interior de *Die Räuber*, por exemplo, Laura Anna faz notar como o projeto de emancipação oferece uma perspectiva privilegiada para indagarmos sobre o relacionamento de Schiller com o Iluminismo. Escreve a autora: “não é por acaso que, no monólogo que encerra a primeira cena do primeiro ato, Franz é tomado de maneira sistemática por uma ruptura em relação à esfera paterna (maioridade) e livre de qualquer tutela (ecletismo e

pensamento autônomo), afirmando não querer ser obrigado ao presunçoso amor filial [...]” (p. 83).

No terceiro capítulo, sob o título de *As polêmicas ideias de representações obscuras e confusas, preconceito, superstições e fanatismos: o desafio antropológico*, Macor estuda as ideias polêmicas que, segundo ela, representam os objetivos críticos do Iluminismo, ou seja, fenômenos culturais e filosóficos que podem ser tomados como obstáculos para a realização dos fins positivos enunciados nas ideias programáticas e que minam a realização do projeto do esclarecimento em sua complexidade. Trata-se, segundo a autora, de levar em conta uma estrita oposição ao *Aufklärung* que, ao mesmo tempo, lhe confere identidade e, sobretudo, indicam-lhe certos limites. “Ele [o Iluminismo] perde progressivamente o seu *status* de absoluta negatividade e vem sobreposto a um acurado processo de revisão que chega a reconhecer uma sua parcial validade” (p. 97). Esse processo teria lugar proeminente na fase pós-wolffiana do *Aufklärung*, num horizonte filosófico sempre mais dominado por tendências antropológicas e pela *psicologia empírica*. Sendo assim, Macor toma Johann Georg Sulzer como influência determinante para a formação do jovem Schiller. O pensador trabalha com a noção de *preconceito* e objetiva realizar

uma análise da alma que proceda como a física em relação aos objetos corpóreos, mediante observações e experimentos, que conduzam à consideração daquelas profundidades, daquelas zonas escuras da alma [*die dunkeln Gegenden der Seele*], onde esta agiria segundo conceitos claros e distintos (p. 98).

O interessante é notar, segundo a autora, que a premissa substancial da consideração sulzeriana do homem prevê a existência de *duas faculdades da alma*, às quais podem e devem ser conduzidas todas as manifestações das atividades interiores. Os estados que corresponderiam a tais faculdades seriam o estado de reflexão e o estado de sensação. O primeiro corresponderia, evidentemente, à tradicional autocompreensão do Iluminismo, empenhado na aquisição de noções claras e distintas quando se trata da análise de um certo objeto. Tais elementos, acentua Macor, bastariam para questionarmos a legitimidade do Iluminismo tardio que, a seu ver, cedeu à psicologia empírica e acabou por se degradar. No entanto, a autora aponta ainda outra ideia polêmica desse período, a ideia de exaltação. Para tanto, bastaria observarmos, segundo a autora, o que defende um dos professores de Schiller, já mencionado anteriormente, sobre essa noção. Comenta Macor: “O próprio Abel se torna porta voz de uma importante revalidação do

entusiasmo que caminhava contra uma fria racionalidade, afirmando que freqüentemente ‘no seio de uma verdade de nossos sábios’ se encontram ‘menos méritos que numa alucinação de um Poiret ou de um Böhme’” (p. 111). Ora, é diante dessas preocupações da última fase do Iluminismo que Macor interpreta de uma maneira peculiar as ideias polêmicas não somente como uma espécie de inimigo do processo de esclarecimento, mas também como representantes de um “risco interno”. O fundamento psicológico que determina essa interpretação do jovem Schiller das ideias de representações obscuras e confusas, preconceito, superstição e exaltação assumem um valor emblemático e exemplificam a viragem antropológica por que passa o pensamento alemão durante a segunda metade do século XVIII e que acaba por envolver as próprias bases conceituais do *Aufklärung*.

No quarto e último capítulo, que tem como título *Éxitos do Iluminismo: o caminho de Schiller até Kant*, Macor analisa e propõe uma interpretação original sobre em que medida o contato de Schiller com Kant fora determinante para seu posicionamento frente ao Iluminismo. Com este propósito, o leitor é convidado a observar que o contato de Schiller com o sistema transcendental kantiano se deu por uma via secundária. O primeiro dado evocado para corroborar esta afirmação é o de que o início do confronto schilleriano com as três *Críticas* só se dá em 1791, quando se inicia a denominada “pausa teórica”, durante a qual Schiller interrompe todo e qualquer trabalho literário para se dedicar inteiramente ao estudo kantiano. Mesmo antes disso, porém, Kant já havia sido objeto de estudo do escritor durante a última etapa de sua estadia na *Karlsschule*. Contudo, naquela época a preocupação schilleriana era outra, justamente a de debater a problemática do “destino do homem”. Em vista deste debate, as leituras de Schiller não passaram dos “breves ensaios” kantianos, como é a *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?*, a *Idee zu einer allgemeinen Geschichte in weltbürgerlicher Absicht* e o escrito *Was heißt: sich im Denken orientieren?* Para as problemáticas schillerianas a respeito do destino humano uma das ideias-chaves oferecidas por Kant era a de que a finalidade de tal destino só pode ser garantido numa perspectiva coletiva e não mais individual como defendiam Spalding e Mendelssohn. Sobre tal posicionamento de Kant, afirma Macor:

Kant procura, assim, fornecer uma solução à pergunta pela *Bestimmung des Menschen* que [...] é compatível com aquela construída pelo jovem Schiller e encontrada em suas primeiras produções. Aquilo que não mais consegue a esperança na realização individual e *ultraterrena* surge, agora, em paralelo a um projeto coletivo e em tudo *intramundano*, que fornece um sentido para a

fragmentariedade dos esforços dos signos e indica a sua aparente vacuidade, *sem, porém, ultrapassar os limites das faculdades cognoscitivas do homem* (p. 125, grifos meus).

Nesse sentido, quando o assunto é a educação, também problematizada pelos outros pensadores estudados nos primeiros capítulos da obra, Kant define o Iluminismo de uma maneira objetiva: trata-se da saída do homem da menoridade da qual ele próprio é o culpado, decisão determinada pela coragem de servir-se do próprio entendimento sem a ajuda de outrem.

No entanto, a tese de Macor consiste em afirmar que o fator mais determinante para o desenvolvimento intelectual de Schiller quanto ao Iluminismo foi sua familiaridade com as três *Críticas*. O último tópico deste quarto capítulo da obra da pesquisadora italiana traz como subtítulo *O posicionamento frente às três Críticas: o caráter radicalmente iluminístico do projeto transcendental kantiano*. Laura Anna Macor astutamente observa que aquela solução encontrada por Schiller em Kant nos escritos mais breves forneceram um posicionamento mediante a perspectiva da coletividade, mas que essa não passa de uma solução parcial e incompleta às discussões sobre o destino humano. O interesse pelo sistema crítico em sua completude reconduz propriamente à urgência em alcançar êxitos teóricos mais sólidos e convincentes. O interessante é notar, segundo a autora, que entre novembro de 1790 e dezembro de 1791, Schiller manifestou interesse e adquiriu a *Kritik der Urteilskraft*, a *Kritik der praktischen Vernunft* e a *Kritik der reinen Vernunft*. “O interesse pelo sistema crítico era, então, total” (p. 145). Além disso, em janeiro de 1792, Schiller diz ter tomado uma decisão “irrevogável” e que está preparado para dedicar o tempo necessário à compreensão de todo o sistema transcendental, mesmo que esse esforço lhe custasse três anos. A “pausa filosófica” duraria até 1795 e exigiria exatamente o tempo previsto.

Uma das questões kantianas que recebe a adesão irrestrita de Schiller é a da fundamentação da moral. A autora chama a atenção ao fato de Schiller, já em 1787, afirmar que considerava haver somente *um critério* para a moralidade, a seu ver o mais rigoroso, ou seja, “indagar se a ação que pratico porta conseqüências positivas ou negativas para o mundo – se for generalizada” (p. 147). Macor adverte que esta consideração surpreendentemente não recebeu ainda qualquer estudo “nem da *Schiller*, nem da *Kant-Forschung*, provavelmente porque pertence a um período schilleriano ainda considerado imaturo para uma consistente reflexão filosófica moral” (p. 147) Ora, insiste a autora, é justamente essa questão que a presente pesquisa

traz à luz como preocupação reveladora de grande seriedade e empenho a partir da qual o aluno da *Karlsschule*, ou ainda o poeta e dramaturgo, procede a posicionamentos de grande relevância e particularmente afins com as posições do próprio Kant. “A generalização como procedimento a fim de sancionar a moralidade de uma ação – mais que as suas consequências, irrelevantes na perspectiva kantiana – representa, por isso, um indício importante do interesse schilleriano pelas reflexões críticas em sua dimensão prática” (p. 147-48).

Em se tratando do período da solitária reflexão, porém, Macor observa que, em fevereiro de 1793, Schiller expressa, em uma carta a Körner, considerações decisivas sobre o momento moral do pensamento crítico, recordando, por exemplo, que “a razão prática extrai de cada conhecimento e tem o que fazer somente a partir de determinações do querer, com ações internas” (p. 149). Neste mesmo sentido, escreve Schiller: “a forma da razão prática é a imediata conexão do querer com as representações da razão e, por isso, exclui qualquer móbil externo” (idem); e que “seguir a forma da razão prática significa simplesmente não ser determinado pelo mundo externo, mas ser determinado por si mesmo [*durch sich selbst bestimmt seyn*], de maneira autônoma [*autonomisch*]” (idem). E ainda que “a forma da razão prática seja pura autodeterminação [*reine Selbstbestimmung*] ou quando um ser racional age, este deve agir conforme a razão pura caso deva mostrar pura autodeterminação” (idem). Segundo Macor,

A pura autodeterminação da qual fala Schiller é o êxito do qual provém a interpretação das ‘ideias portadoras do Iluminismo’ levantadas a partir do último período da Academia e representa a tentativa de garantir a autonomia do homem em relação aos aspectos metafísicos (ideias essenciais), ingerências externas (ideias programáticas) e fenômenos, culturais ou psicológicos, reconhecidos como avessos à realização dos objetivos do *Aufklärung* (ideias polêmicas) (p. 150).

Ao final, Macor conclui que Kant fornece a Schiller uma base sólida para garantir à moral uma autonomia e uma independência em relação a determinações externas.

Desse modo, é indispensável considerarmos que no ensaio aqui resenhado, contributo especial para qualquer pesquisa sobre o legado do grande Schiller, o leitor encontrará determinantes justificações sobre um “êxito teórico” do pensamento schilleriano em relação às múltiplas faces do Iluminismo; e esta constatação é interpretada por Macor a partir de uma convicção estável do percurso intelectual do jovem Schiller. Segundo a autora, tal êxito não é devido a uma mera e juvenil recepção kantiana, mas, sobretudo, a uma profunda interpretação individual da parte de Schiller que se reflete na própria expressão acolhida “determina-te a ti

mesmo”, espírito e conteúdo, segundo o próprio leitor de Kant, de todo o sistema transcendental. Em outros termos, uma das ricas contribuições que todo pesquisador poderá agregar à sua formação a partir da leitura dessa obra é aquela de saber que a preocupação de Schiller em relação à moral, enfrentada e problematizada *em direção a* Kant entre 1792 e 1795, não prejudica de modo algum a perspectiva de fundo que sustenta o primeiro interesse por Kant, mas se funda sobre esta, pressupondo-a. Com esse pressuposto, entendemos a justificativa para o título da obra de Macor: *Friedrich Schiller, do Iluminismo ao Criticismo*.

Ademais, torna-se irrelevante a pretensão de expressarmos aqui o todo desta obra singular, tarefa que, por isso, confiamos ao leitor.